

LUCINDA RILEY

AUTORA BEST-SELLER #1 COM MAIS
DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

A Garota do **PENHASCO**

Por mais de um século, passado e presente têm separado duas famílias. Hoje, no entanto, Aurora poderá, enfim, uni-los. Ainda que a um preço muito alto.



LUCINDA RILEY

A Garota do
PENHASCO

Por mais de um século, passado e presente têm separado duas famílias. Hoje, no entanto, Aurora poderá, enfim, uni-los. Ainda que a um preço muito alto.

Tradução:

Henrique Amat Rego Monteiro



Copyright © Lucinda Riley, 2011
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão – 2013

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Lívia Fernandes, Tamires Cianci
Preparação de Texto: Ana Issa
Revisão de Texto: Elisabete B. Pereira, Entrelinhas Editorial
Diagramação e projeto gráfico: Futura
Impressão e Acabamento Geográfica 140513

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riley, Lucinda

A garota do penhasco / Lucinda Riley ; tradução Henrique Amat Rego Monteiro. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: The girl on the cliff.
ISBN 978-85-8163-257-5

1. Ficção inglesa I. Título.

13-04466

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



www.editoranovoconceito.com.br

Rua Hugo Fortes, 1885 - Pq. Industrial Lagoinha
Ribeirão Preto - SP-Brasil | CEP: 14095-260

[16] 3512-5500

Para Stephen

“E assim prosseguimos; barcos contra a corrente,
arrastados incessantemente para o passado.”

F. SCOTT FITZGERALD, *O Grande Gatsby*

AURORA

“Eu sou eu.

E vou lhe contar uma história.

As palavras acima são as mais difíceis para qualquer escritor, foi o que me disseram.

Expressando de outra maneira: o modo como se começa. Plagiei do meu irmão mais novo a primeira tentativa de contar uma história. A frase de abertura dele sempre me impressionou pela simplicidade.

Portanto, comecei.

Devo avisar a você que não sou profissional nisso. Na verdade, não consigo me lembrar de qual foi a última vez que escrevi sobre o papel com uma caneta. Veja bem, sempre me expressei com o corpo. Agora que já não posso fazer isso, decidi comunicar-me através da mente.

Não estou escrevendo isto com nenhuma intenção de apresentar para publicação. Receio que seja algo mais egoísta do que isso. Estou na fase da vida que todos temem — a de preencher os dias com o passado, porque há pouco futuro pela frente.

Trata-se de alguma coisa para fazer.

E acho que a minha história — a minha e a da minha família, que começou quase cem anos antes de eu nascer — é bem interessante.

Sei que todo mundo pensa o mesmo da própria história. E isso é verdade. Todo ser humano tem uma existência fascinante, com um grande elenco de personagens bons e maus.

E quase sempre, em algum ponto ao longo do caminho, essa história é mágica.

Deram-me o nome de uma princesa de um famoso conto de fadas. Talvez seja esse o motivo de eu sempre ter acreditado em magia. E à medida que fui ficando mais velha, compreendi que um conto de fadas é uma alegoria sobre a grande dança da vida de que todos participamos, desde o instante em que nascemos.

E não existe escapatória até o dia em que morremos.

Portanto, querido leitor ou leitora — posso me dirigir a você desse modo porque devo presumir que a minha história tenha encontrado um público, já que você está aí — então, deixe-me contar-lhe.

Uma vez que inúmeros personagens morreram muito tempo antes de eu nascer, farei o melhor uso possível da imaginação para trazê-los de volta à vida.

E enquanto permaneço sentada aqui meditando sobre a história que vou lhe contar, a qual chegou até mim depois de duas gerações, devo ressaltar que ela tem um tema predominante. Esse tema, é claro, é o amor, e as escolhas que todos fazemos por causa desse sentimento.

Muitos de vocês pensarão de imediato que me refiro ao amor entre um homem e uma mulher, e em grande parte é isso mesmo, sim. Mas há outras formas preciosas de amor que merecem consideração: por exemplo, a de um pai ou de uma mãe por um filho ou uma filha. Existe também o tipo obsessivo e deletério, que inflige a destruição.

O outro tema desta história é a imensa quantidade de chá que as pessoas parecem beber — mas estou divagando. Perdoe-me, é isso que fazem as pessoas que se sentem velhas. Portanto, devo continuar.

Vou guiar você o tempo todo e interromper quando achar necessário, para explicar algum aspecto com mais detalhes, pois a história é complexa.

Para complicar ainda mais as coisas, acho que vou começar em um momento próximo do fim da história, quando era uma criança órfã de mãe, aos 8 anos de idade. No alto de um penhasco sobre a baía de Dunworley, meu lugar favorito no mundo.

Era uma vez...”

BAÍA DE DUNWORLEY, WEST CORK, IRLANDA

A figura frágil achava-se perigosamente próxima da borda do penhasco. A longa e luxuriante cabeleira ruiva revolvía-se atrás de seu corpo esguio, agitada pela forte brisa que soprava do oceano. O vestido de algodão branco chegava-lhe aos tornozelos e deixava expostos os pequenos pés descalços. Mantinha os braços esticados, a palma das mãos voltada para a massa espumante do mar cinzento, abaixo, o rosto pálido voltado para o alto, como se estivesse se oferecendo em sacrifício aos elementos.

Grania Ryan continuou a observá-la, hipnotizada pela visão semelhante à de um fantasma. Seus sentidos estavam tão confusos que não saberia dizer se o que via ali era real ou imaginário. Fechou os olhos por uma fração de segundo e reabriu-os, e, para sua surpresa, o vulto continuava lá. Ganhando alento, deu alguns passos incertos à frente.

Enquanto se aproximava, Grania percebeu que a pessoa não era mais do que uma criança; o vestido de algodão branco que usava era uma camisola. Grania notou as nuvens negras de tempestade pairando sobre o mar, e as primeiras gotas de água salgada da chuva iminente machucaram-lhe a face. A percepção da fragilidade do ser humano, franzino contra o ambiente selvagem, impeliu-a a apressar o passo.

O vento já soprava mais forte em sua fúria, e começava a assobiar em suas orelhas. Grania parou a uns dez metros da garota, que permanecia imóvel. Os minúsculos dedos azulados dos pés seguravam-na

estoicamente sobre a rocha, enquanto as rajadas crescentes rodopiavam e sacudiam o corpo delgado como o de um jovem salgueiro. Aproximou-se mais da garota, parando às suas costas. O instinto incitava Grania a correr para ela e segurá-la, mas, se a garota se assustasse e se virasse, um passo em falso poderia resultar em uma tragédia impensável que levaria a garota para uma morte certa sobre as pedras cobertas de espuma, 30 metros abaixo.

Dominada pelo pânico, Grania parou, enquanto tentava desesperadamente pensar na melhor maneira de arrebatar a garota do perigo. Mas, antes que pudesse tomar uma decisão, ela se voltou lentamente e encarou-a com os olhos sem vida.

Instintivamente, Grania segurou-lhe os braços.

— Não vou machucá-la, prometo. Venha comigo e ficará em segurança.

A garota permaneceu imóvel como se a fitasse, sem se afastar do ponto onde se encontrava na borda do penhasco.

— Posso levá-la para casa se me disser onde mora. Vai encontrar a morte neste lugar. Por favor, deixe-me ajudá-la — Grania implorou e deu mais um passo na direção dela.

A garota, como se despertasse de um sonho, encarou-a com os olhos revividos, exibindo uma expressão de espanto e medo. No mesmo instante, virou-se para a direita e começou a correr para longe de Grania, subindo a montanha acima da borda do penhasco e desaparecendo da vista.

— Eu já ia mandar alguém procurar você. Essa tempestade não está para brincadeira, pode acreditar em mim.

— Mãe, estou com 31 anos de idade e passei os últimos dez morando em Manhattan — replicou Grania entrando na cozinha e pendurando a jaqueta molhada num gancho próximo ao fogão. — Não precisa se preocupar comigo. Sou uma garota bem crescidinha agora, certo? — Ela sorriu enquanto se aproximava da mãe, que arrumava a mesa para servir o jantar, e beijou-a na face. — Certo?

— Pode ser como diz, mas soube de homens bem mais fortes que foram arremessados do penhasco num vendaval destes — Kathleen Ryan apontou para a selvageria do vento, do outro lado da janela da cozinha, que fazia com que os ramos secos e sem flores do arbusto de glicínia batessem, numa monotonia fúnebre, contra a vidraça. — Acabei de preparar um chá. — Kathleen enxugou as mãos no avental e aproximou-se do fogão. — Vai querer uma xícara?

— Adoraria, mamãe. Por que não para um pouco e descansa os pés por alguns minutos enquanto sirvo o chá para nós duas? — Grania guiou a mãe até uma cadeira da cozinha, que puxou debaixo da mesa, onde acomodou carinhosamente a mãe.

— Só por cinco minutos, veja bem, os rapazes estarão de volta às 6 horas e vão querer o seu chá.

Enquanto servia o líquido escaldante em duas xícaras, Grania arqueou uma sobrancelha, mas não comentou nada sobre a dedicação doméstica da mãe ao marido e ao filho. Não que alguma coisa tivesse mudado nos últimos dez anos em que estivera ausente — Kathleen sempre condescendera com os homens da casa, pondo as necessidades e os desejos deles acima de tudo. Mas o contraste da vida que a mãe levava com a sua própria, em que a emancipação e a igualdade dos sexos era a norma, deixava Grania desconsolada.

E, no entanto, apesar de toda a liberdade conquistada em relação ao que muitas mulheres modernas considerariam uma tirania masculina ultrapassada, quem, no momento, entre mãe e filha, era a mais contente? Grania suspirou tristemente enquanto acrescentava leite ao chá da mãe. Sabia muito bem a resposta.

— Aí está, mamãe. Vai querer um biscoito? — Grania colocou a lata na frente de Kathleen e abriu-a. Como de costume, estava cheia até a borda de biscoitos de creme, biscoitos de uísque e amanteigados. Outra relíquia da sua infância e que seria considerada com o mesmo horror quanto o de contemplar uma bomba nuclear por seus contemporâneos de Nova York preocupados com a silhueta.

Kathleen escolheu dois e disse:

— Vamos, coma um para me acompanhar. Para falar a verdade, o que você tem comido não daria para alimentar um ratinho.

Grania escolheu um biscoito com cuidado, pensando como, desde que voltara para a casa dos pais, dez dias antes, sentia-se estufada a ponto de explodir com a comida farta que a mãe servia. No entanto, diria que tinha um apetite mais saudável do que a maioria das mulheres que conhecia em Nova York. E também costumava usar o fogão com a finalidade para o que fora criado, não para guardar plantas.

— A caminhada ajudou a clarear seus pensamentos um pouco, não foi? — arriscou Kathleen, já se servindo de um terceiro biscoito. — Sempre que estou com um problema para resolver, saio para dar uma caminhada e volto sabendo a resposta.

— Na verdade... — Grania bebericou um gole do chá — vi uma cena estranha lá fora, mãe. Uma garotinha de camisola, aparentando uns 8 ou 9 anos, parada bem na borda do penhasco. Tinha um cabelo ruivo maravilhoso, comprido, encaracolado... Era como se fosse uma sonâmbula, porque se virou para mim quando me aproximei e seus olhos pareciam — ela procurou a palavra certa para se expressar — vazios. Então acordou de repente e fugiu em disparada como um coelho assustado pelo caminho do penhasco. Você faz ideia de quem poderia ser?

Grania observou enquanto o rosto de Kathleen perdia a cor.

— Está se sentindo bem, mamãe?

Kathleen remexeu-se na cadeira. Olhou para a filha.

— Está dizendo que a viu alguns minutos atrás na sua caminhada?

— Sim.

— Santa Maria, mãe de Deus. — Kathleen persignou-se com o sinal da cruz. — Eles voltaram.

— Quem “voltaram”, mamãe? — indagou Grania, preocupada com o quanto a mãe parecia abalada.

— Por que teriam voltado? — Kathleen disse para a noite lá fora, do outro lado da janela. — Por que iriam querer voltar? Pensei... pensei que finalmente tudo estivesse acabado, que tivessem partido para sem-

pre. — Ela segurou a mão de Grania. — Tem certeza de que viu mesmo uma garotinha, não uma mulher crescida?

— Com certeza, mãe. Como eu disse, ela devia ter uns 8 ou 9 anos. Fiquei preocupada... estava descalça e parecia congelada. Para ser sincera, pensei que estivesse vendo um fantasma.

— Pois foi mais ou menos isso, Grania, pode ter certeza — murmurou Kathleen. — Eles só podem ter regressado alguns dias atrás. Na sexta-feira, voltei pela montanha e passei na frente da casa. Eram bem umas dez da noite e não vi luzes acesas nas janelas. O velho casarão estava todo apagado.

— Que casarão?

— A Casa de Dunworley.

— Aquele casarão abandonado no alto da montanha depois da nossa casa? — indagou Grania. — Esteve vazio por anos, não foi?

— Esteve vazio durante toda a sua infância sim, mas... — Kathleen suspirou — eles voltaram depois que você se mudou para Nova York. E depois, quando aconteceu o... acidente... eles foram embora. Ninguém pensou em voltar a vê-los por estas bandas outra vez. E ficamos contentes por isso — ela salientou. — Aquele lugar tem uma história, uma história entre eles e nós, que se estende desde muitos anos atrás. Agora — Kathleen deu um tapinha na mesa e se levantou — o que passou, passou, e aconselho você a ficar longe deles. Eles só trazem problemas para esta família, posso lhe garantir.

Grania observou a mãe enquanto ela se aproximava do fogão, o rosto endurecido enquanto tirava a tampa da pesada caçarola de ferro contendo a refeição do jantar de um dos queimadores.

— Se aquela criança que vi tem mãe, ela ia querer saber sobre o perigo que a filha correu hoje, não é? — arriscou ela.

— Ela não tem mãe — Kathleen mexia o cozido ritmicamente com a colher de pau.

— Ela morreu?

— Morreu.

— Entendo... então, quem cuida da pobre criança?

— Não me pergunte sobre os problemas domésticos deles — Kathleen encolheu os ombros —, não me interessa e não quero saber.

Grania franziu as sobrancelhas. A atitude da mãe era totalmente contrária à maneira como reagiria normalmente. O grande coração maternal de Kathleen batia bem forte e alto diante de qualquer criatura indefesa em perigo. Costumava ser a primeira na família, ou entre os amigos, a se oferecer sempre que havia um problema e alguém precisava de ajuda. Em especial quando se tratasse de uma criança.

— Como a mãe dela morreu?

A colher de pau parou de circular na panela e fez-se silêncio. Finalmente, Kathleen deu um suspiro pesado e voltou o rosto para a filha.

— Muito bem, acho que, se não lhe contar, em breve você acabará sabendo por outra pessoa. Ela tirou a própria vida, foi o que aconteceu.

— Você está me dizendo que ela cometeu suicídio?

— Foi o que aconteceu, Grania, sem tirar nem pôr.

— Há quanto tempo?

— Ela se atirou do penhasco há quatro anos. O corpo foi encontrado dois dias depois, trazido pelas ondas, na praia de Inchydoney.

Foi a vez de Grania permanecer em silêncio. Finalmente, ela arriscou:

— De onde foi que ela saltou?

— Pelo que comentaram, provavelmente de onde você avistou a filha hoje. Eu diria que Aurora estava procurando pela mãe.

— Você sabe o nome dela?

— Mas é claro. Isso nunca foi segredo. A família Lisle era a proprietária de toda a Dunworley, incluindo esta casa aqui. Eles foram os senhores e donos de tudo na região há muito tempo. Venderam a terra nos anos 1960, mas conservaram a casa no alto do penhasco.

— Vi esse nome em algum lugar... Lisle...

— O cemitério da igreja está repleto de sepulturas deles. Incluindo a dela.

— E você já tinha visto a garotinha... Aurora... antes, no penhasco?

— Foi por isso que o pai a levou embora. Depois que ela morreu aquela pequenina sempre ia ao penhasco chamar pela mãe. Eu poderia jurar que ela meio que enlouqueceu de dor, foi isso.

Grania notou que o semblante da mãe se abrandara ligeiramente.

— Pobre coitadinha — ela suspirou.

— Sim, dava pena ver... e ela não merecia uma coisa dessas, mas existe uma ruindade entranhada naquela família. Você ouviu o que eu disse, Grania, e faça o favor de não ir até lá se envolver com eles.

— Fico imaginando por que teriam voltado — murmurou Grania, quase para si mesma.

— Aqueles Lises fazem o que querem e não se incomodam com nada, nem com o que as pessoas possam pensar ou dizer. Não sei e não quero saber. Agora, você pode se dispor a fazer algo útil e me ajudar a arrumar a mesa para o chá?

Grania subiu para o seu quarto pouco depois das 10 horas, como fazia todas as noites desde que voltara para casa. Lá embaixo, a mãe continuava atarefada na cozinha, arrumando a mesa para o café da manhã, enquanto o pai cochilava na poltrona em frente ao televisor e o irmão, Shane, saía para ir a um *pub* na vila. Os dois homens sozinhos cuidavam da fazendola de 200 hectares, toda a terra dedicada à criação de gado de leite e carneiros. Aos 29 anos, o garoto, como Shane era ainda carinhosamente chamado, parecia não ter a menor intenção de mudar-se para uma casa só sua. Mulheres vinham e iam, mas raramente passavam pela soleira da porta da casa da fazenda. Kathleen via com certa apreensão a condição duradoura de solteiro do filho, mas Grania sabia que a mãe ficaria perdida sem ele.

Ela se esgueirou para debaixo das cobertas, ouvindo a chuva tamborilar contra os vidros da janela, e esperou que a pobre Aurora Lisle estivesse dentro de casa, segura e aquecida. Passou pelas páginas de um livro, mas acabou bocejando, incapaz de se concentrar. Talvez fosse o ar fresco do lugar que a deixasse tão sonolenta; em Nova York, raramente ia para a cama antes da meia-noite.

Em contraste, Grania raramente se lembrava de uma noite quando era criança em que a mãe não estivesse em casa à noite. E se tivesse de passar a noite fora, em uma missão de caridade para cuidar de um parente adoentado, a preparação para assegurar que não faltasse comida ou roupa lavada para a família era uma operação militar. No que dizia respeito ao pai, Grania duvidava que ele tivesse passado uma única noite que fosse fora da sua cama nos últimos 34 anos de casamento. Ele estava de pé às 5h30 todas as manhãs da sua vida e saía para cuidar do rebanho de gado leiteiro da fazenda, regressando do campo para casa sempre ao escurecer. Marido e mulher sabiam exatamente onde cada um se encontrava o tempo todo. Sua vida era como se fosse uma só: juntos e inseparáveis.

E a cola que os mantinha unidos eram os filhos.

Quando ela e Matt decidiram morar juntos, oito anos antes, davam como certo que um dia teriam filhos. A exemplo de todo casal moderno, até que o momento adequado se apresentasse, eles se lançaram de corpo e alma à carreira e viveram o mais intensamente quanto puderam.

E então, em uma manhã, Grania acordou e, como costumava fazer todos os dias em Nova York, vestiu a calça do agasalho e o blusão com capuz e saiu para correr à beira do rio Hudson até Battery Park, parando nos Winter Gardens para tomar um café com leite acompanhado de um pãozinho com manteiga. E foi ali que aconteceu; enquanto bebericava o café com leite, voltou os olhos para um carrinho de bebê parado junto à mesa ao lado, onde havia uma criança recém-nascida, que dormia profundamente. Grania foi tomada de um desejo repentino e irresistível de pegar o bebê do carrinho, embalá-lo nos braços e aninhar protetoramente a sua cabecinha contra o seio. Depois que a mãe lhe dirigiu um sorriso nervoso, levantou-se e empurrou o carrinho para longe da sua atenção indesejada, Grania correu pelo percurso de volta para casa, sentindo-se sufocada pela comoção que a dominava.

Na esperança de que a sensação se desvanecesse, ela passou o dia no estúdio, mergulhada na tarefa de moldar o barro escuro e maleável da sua última encomenda, mas o sentimento não se dissipou.

Às 6 horas da tarde, deixou o estúdio, tomou um banho e vestiu uma roupa adequada à inauguração de uma galeria de arte a que compareceria àquela noite. Serviu-se de uma taça de vinho e caminhou até a janela que dava para as luzes faiscantes de Nova Jersey do outro lado do rio Hudson.

— Quero ter um bebê.

Grania tomou um grande gole de vinho. E deu uma risadinha diante do disparate das palavras que acabara de pronunciar. Então pronunciou-as de novo, só para ter certeza.

E elas lhe pareceram certas. Não só certas, mas algo completamente natural, como se a ideia e a necessidade fizessem parte do seu ser a vida inteira, e todas as razões para aquilo não ter acontecido simplesmente tivessem evaporado e parecessem ridículas.

Grania saíra para a inauguração da galeria, onde conversara distraidamente com o grupo usual de artistas, colecionadores e intelectuais de vanguarda que frequentava aqueles eventos. No fundo, porém, não conseguira deixar de pensar nos aspectos práticos da decisão tomada antes, decisão capaz de transformar completamente a sua vida. Será que precisariam se mudar? Não, provavelmente não em curto prazo — seu loft no distrito de TriBeCa, o preferido dos artistas e intelectuais, era espaçoso, e o espaço dedicado ao escritório de Matt poderia facilmente ser convertido em um quarto de bebê. Afinal, ele raramente o usava, preferindo levar o laptop para a sala de estar e trabalhar lá. Eles moravam no quarto andar do prédio, mas o elevador de carga era grande o bastante para subir e descer com um carrinho de bebê. Battery Park, com o seu playground bem equipado e refrescado pela brisa que soprava do rio, era um bom lugar para passear. Grania trabalhava em casa, em seu estúdio, portanto, mesmo que tivessem de contratar uma babá, ela estaria a apenas alguns segundos do bebê caso fosse necessário.

Mais tarde, naquela noite, Grania deitara-se na grande cama de casal vazia e suspirara com irritação por precisar manter seus planos e sua empolgação para si mesma por mais algum tempo. Matt viajara por uma semana e só voltaria para casa dali a dois dias. Não era o tipo de

coisa que se anunciasse por telefone. Finalmente, ela caíra no sono já de madrugada, imaginando a expressão de orgulho de Matt quando lhe apresentasse o bebê recém-nascido.

Quando Matt voltara para casa, mostrara-se tão empolgado com a ideia quanto ela. Juntos, de imediato e de maneira muito prazerosa, eles começaram a pôr o plano em prática, adorando ter um projeto conjunto só deles, que estreitaria e fortaleceria ainda mais sua união, exatamente como acontecera com os pais dela. Era a peça que faltava para aproximá-los de uma vez e para todo o sempre, em uma ligação dependente e indissolúvel. Em essência, uma família.

Grania jazia na estreita cama onde dormira desde a infância, ouvindo o vento rugir raivosamente ao redor das paredes de pedra da casa da fazenda. Estendeu a mão para um lenço de papel e assoou o nariz com força.

Aquilo acontecera um ano antes. E a verdade terrível era que o seu “projeto conjunto” não os unira. Ele os destruíra.

Quando Grania acordou na manhã seguinte, a tempestade da noite anterior fora soprada para longe como uma lembrança, levando as nuvens cinzentas consigo. O sol fazia uma de suas raras aparições de inverno, iluminando a paisagem ondulada por trás de sua janela, tornando mais nítido o verde infinito dos campos que cercavam a fazenda, interrompido apenas pelos pontinhos brancos da lã dos carneiros no pasto.

Grania sabia, por experiência própria, que esse estado de coisas provavelmente não duraria muito tempo; o sol em West Cork era como uma diva temperamental, encantando o palco com sua aparição súbita para uma ponta, banhando a todos em sua glória e, em seguida, desaparecendo tão rapidamente quanto chegara.

Nos últimos dez dias, impossibilitada de pôr em prática sua rotina normal de uma corrida matinal por causa da chuva incessante, Grania saltou da cama e correu a vasculhar a mala ainda não desfeita para encontrar o blusão, a calça de abrigo e os tênis.

— Muito bem, você acordou cedo e animada esta manhã — comentou a mãe depois que Grania desceu para a cozinha. — Vai querer mingau de aveia?

— Como um pouco quando voltar. Vou sair para dar uma corrida.

— Bem, não vá se cansar muito. Eu diria que sua cor não é das mais saudáveis... seu rosto anda meio pálido.

— É isso que quero recuperar, mãe — Grania reprimiu um sorriso. — Até daqui a pouco.

— Não vai querer pegar um resfriado agora, hein? — Kathleen gritou pelas costas da filha, que já se afastava. Ela ficou olhando pela janela da cozinha enquanto Grania descia correndo pelo caminho estreito aberto nos campos, ladeado por um antigo muro de pedras que levava até a estrada e até a trilha que contornava o penhasco.

Kathleen ficara chocada com a visão da filha quando Grania chegara em casa; nos três anos desde que a vira pela última vez, sua linda e saudável filha — que sempre fizera os rapazes voltarem a cabeça para admirá-la, com a pele sedosa e a compleição esbelta, o cabelo louro cacheado e os olhos turquesa muito vivos — parecia ter perdido toda a vitalidade. Até comentara com o marido, John, que, no momento, Grania parecia-se com uma bela camisa cor-de-rosa posta por engano na água suja, ressurgindo como uma imagem apagada e envelhecida do que fora antes.

Kathleen sabia a razão. Grania contara-lhe quando ligara de Nova York para perguntar se poderia voltar para casa por uns tempos. Ela concordara, é claro, encantada com a inesperada oportunidade de passar um tempo com a filha. Entretanto, não conseguia entender os motivos de Grania — com certeza, aquele era um momento em que ela e seu homem precisavam ficar juntos, apoiar um ao outro pela perda sofrida, e não se distanciarem assim, com meio mundo a separá-los.

E aquele adorável Matt telefonava todas as noites para conversar com Grania, mas ela obstinadamente se recusava a atender às ligações. Kathleen sempre tivera certa afeição por ele; com uma boa e discreta aparência, um leve sotaque de Connecticut, e modos impecáveis, Matt lembrava a Kathleen os artistas de cinema pelos quais suspirara na juventude. Um Robert Redford quando jovem — para ela, era com esse ator que Matt se parecia. Por que Grania não se casara com ele anos antes estava além da sua compreensão. E agora a filha, sempre obstinada quando teimava com alguma coisa, com certeza achava-se na iminência de perdê-lo para sempre.

Kathleen não entendia muito como o mundo se organizava no momento, mas conhecia os homens e seu ego. Eles não eram como as mu-

lheres — não tinham a mesma aptidão para a rejeição —, e se havia uma coisa de que tinha certeza era que aqueles telefonemas logo parariam de acontecer todas as noites e Matt desistiria.

A menos que houvesse algum segredo que Kathleen desconhecesse...

Ela suspirou, enquanto tirava da mesa os pratos do café da manhã e acomodava-os na pia. Grania era sua garota dourada — a única Ryan do clã que voara do ninho e fizera todo o possível para tornar a família, em especial a mãe, orgulhosa dela. Ela era a filha de que os parentes queriam ter notícias, devorando avidamente os recortes de diversos jornais que Grania enviava comentando sua mais recente exposição em Nova York, fascinados com os clientes da alta roda que a contratavam para imortalizar o rosto dos filhos, ou mesmo seus animais, em bronze...

Fazer sucesso na América — esse era o sonho supremo de todo irlandês.

Kathleen secou as tigelas e os talheres e guardou-os no grande armário de madeira. É claro, ninguém tinha uma vida perfeita, Kathleen sabia disso. Sempre presumira que lhe dar um neto fosse algo que Grania nunca acalentara, e aceitara isso. Afinal, não tinha um filho bonito e forte para lhe dar netos um dia? Mas parecia que se enganara. Apesar de todo o estilo sofisticado de Grania, vivendo no que Kathleen via como o centro do universo, em Nova York, um bebê fazia falta. E, enquanto não viesse, a filha não seria feliz.

Kathleen não podia deixar de pensar em como Grania tinha deixado isso acontecer. Apesar de todos os novos medicamentos apregoados, usados para ajudar e estimular o milagre da natureza, não havia substituto para a juventude. Ela própria tinha 19 anos quando tivera Grania. E ainda estava cheia de energia para encarar outro bebê no espaço de dois anos. Grania estava com 31. E fosse o que fosse em que essas modernas mulheres de carreira acreditassem, era impossível ter tudo.

Portanto, embora sentisse pela perda da filha, era seu modo de ser, aceitar o que tinha e não ansiar pelo que não tinha. E com esse pensamento, Kathleen subiu a escada para arrumar as camas.

Grania deixou-se cair sobre uma rocha úmida e coberta de musgo para descansar. Estava sem fôlego e ofegante como uma sessentona; obviamente o aborto, e a recente falta de exercício, cobravam seu preço. Afundou a cabeça entre as pernas enquanto esperava a respiração se normalizar e chutou com os tênis os tufo de grama áspera embaixo dos pés. Obstina-damente, as fortes raízes mantinham-se presas ao solo e se recusavam a ser desalojadas. Se ao menos a vidinha dentro de si tivesse feito o mesmo...

Quatro meses... quando ela e Matt pensaram que finalmente tinham conquistado a estabilidade... Normalmente, todo mundo sabe quando chega a uma situação segura, e Grania, que sempre fora um tanto paranoica até aquele momento, começou a relaxar e assumir a fantasia tão ansiada, e prestes a realizar-se, de tornar-se mãe.

Ela e Matt haviam dado a notícia aos avós dos dois lados; Elaine e Bob, os pais de Matt, lavaram-nos para jantar no L'Escale, próximo à sua enorme casa no condomínio fechado de Belle Haven, em Greenwich. Bob perguntara bruscamente quando os dois resolveriam a questão do casamento tão aguardado agora que Grania esperava um bebê. Afinal de contas, aquele era seu primeiro neto e Bob deixara perfeitamente claro que deveria receber o nome da família. Grania, que vinha adiando a discussão ou a decisão, recusando-se a responder perguntas e desconversando, sentiu-se encurralada, e os pelos da sua nuca se eriçaram, especialmente por se tratar do pai de Matt, e replicou que ela e Matt ainda precisavam conversar melhor a respeito.

Uma semana depois, no seu apartamento em TriBeCa, o interfone anunciou a chegada de um furgão da sofisticada loja de departamentos Bloomingdale's, para entregar um enxoval completo. Grania, supersticiosa demais para deixar que os artigos fossem colocados dentro de casa, conduziu os entregadores ao subsolo, onde o enxoval ficaria guardado até o momento oportuno. Enquanto observava a quantidade de caixas que eram empilhadas em um canto, ela compreendeu que Elaine não se esquecera de nada.

— Lá se vai a nossa chance de ir à Bloomie's para escolher um berço ou a marca de fraldas de minha preferência — murmurara Grania para Matt mais tarde, naquela noite, sem se mostrar agradecida.

— Mamãe só está querendo ajudar, Grania — respondera Matt na defensiva. — Ela sabe que ganho pouco e que você nem tanto, mas esporadicamente. Talvez eu devesse aceitar o emprego na empresa de papai afinal, agora que há um baixinho a caminho. — Matt apontara para a barriga minúscula, mas visível de Grania.

— Matt, não! — advertira Grania. — Nós concordamos que você nunca trabalharia lá. Isso acabaria de vez com a sua vida ou com a nossa liberdade. Você sabe até que ponto seu pai pode ser opressivo.

Grania desistiu de tentar arrancar a grama das suas raízes e em lugar disso olhou para o mar. Sorriu tristemente ao pensar no quanto atenuara a verdade naquela conversa com Matt. Bob era totalmente controlador em relação ao filho. Embora ela compreendesse o desapontamento que ele devia sentir por Matt não se interessar em assumir a empresa de investimentos da família, não conseguia entender a falta de interesse ou orgulho pela carreira do filho. Matt vinha se saindo muito bem e tornara-se uma autoridade reconhecida no campo da psicologia infantil. Tinha uma cátedra na Universidade de Columbia e era, constantemente, convidado a fazer palestras em outras universidades. E até mesmo a ela Bob também costumava, com condescendência, fazer comentários sutis, mas bem direcionados sobre sua criação e educação.

Pensando em perspectiva, Grania ao menos se sentia aliviada por terem recusado qualquer ajuda dos pais de Matt. Até mesmo no começo, quando tentava construir um nome como escultora enquanto Matt terminava o seu ph.D. e eles enfrentavam dificuldades para pagar até o aluguel do minúsculo apartamento de um quarto, e ela quase chegara ao ponto da paranoia. E a paranoia tinha uma boa justificativa, pensou Grania; as jovens vistosas e imaculadamente vestidas de Connecticut que ela conhecera através de Matt e sua família não poderiam fazer maior contraste com aquela garota sem sofisticação, educada em um convento, vinda de uma pequena aldeia nos confins da Irlanda. Talvez estivesse mesmo destinada ao fracasso...

— Olá?

Grania levou um susto ao ouvir aquela voz. Olhou para os lados, mas não conseguiu ver ninguém.

— Olá, eu disse.

A voz vinha de trás. Grania girou o corpo numa volta de 180 graus e, enfim, avistou Aurora. Em pé, bem ali, trajando uma calça jeans, um agasalho impermeável com capuz que cobria com bastante folga seu corpo delgado e um gorro de lã do qual escapavam algumas mechas da magnífica cabeleira ruiva. Seu rosto era delicado e com um formato ovalado perfeito, os olhos imensos e os lábios cor-de-rosa desproporcionais em relação ao quadro em que se desenhavam.

— Olá, Aurora.

O cumprimento de Grania produziu uma expressão de surpresa nos olhos da menina.

— Como você sabe o meu nome?

— Vi você ontem.

— Viu? Onde?

— Aqui, no penhasco.

— Verdade? — Aurora franziu as sobrancelhas. — Não me lembro de ter vindo aqui ontem. E eu não falei com você.

— Você não falou comigo, Aurora. Eu vi você, só isso — explicou Grania.

— E como você sabe o meu nome? — falou a menina, pronunciando cada palavra com um sotaque inglês perfeito.

— Perguntei à minha mãe quem poderia ser a garotinha com um lindo cabelo comprido ruivo. E ela me contou.

— E como é que ela podia saber? — insistiu a garota com veemência.

— Ela morou a vida inteira aqui na aldeia. Disse que vocês foram embora há muitos anos.

— Fomos mesmo. Mas agora voltamos — Aurora olhou para o mar e abriu os braços como se quisesse abraçar o litoral. — Eu amo este lugar, você não?

Grania teve a impressão de que a pergunta de Aurora era uma afirmação da qual não lhe seria permitido discordar.

— É claro que amo. É onde eu nasci e me criei.

— Então — Aurora acomodou-se graciosamente sobre a grama ao lado de Grania e demorou sobre ela os olhos azuis. — Qual é o seu nome?

— Grania, Grania Ryan.

— Acho que nunca conheci você.

Grania teve vontade de sorrir diante da maneira madura com que Aurora se expressava.

— É que não há como ter conhecido. Morei fora daqui por quase dez anos.

O semblante de Aurora iluminou-se de prazer e ela uniu as mãos como se fosse bater palmas.

— Então nós duas voltamos ao mesmo tempo para o lugar de que gostamos.

— Acho que é isso mesmo.

— Então, a gente pode fazer companhia uma à outra! Você pode ser minha nova amiga.

— É muita gentileza da sua parte, Aurora.

— Bem, você deve se sentir solitária.

— Talvez você tenha razão... — Grania sorriu. — E quanto a você? Também se sente solitária?

— Às vezes, um pouco. — Aurora encolheu os ombros. — Papai está sempre ocupado e fica viajando, e eu só tenho a governanta pra brincar. E ela não é muito boa em brincadeiras. — Em desagrado, Aurora enrugou o narizinho arrebitado e coberto delicadamente de sardas.

— Essa não — comentou Grania, sem ter nada melhor para dizer. Sentia-se ao mesmo tempo desarmada e desconcertada diante da sinceridade original da menina. — Mas você deve ter amigas na escola, não é?

— Eu não vou à escola. Papai quer que eu fique em casa com ele. Eu tenho uma preceptora.

— E onde ela está hoje?

— Papai e eu achamos que não gostamos dela, então a deixamos em Londres. — Aurora deu uma risadinha. — Depois fizemos as malas e partimos para cá.

— Entendo — disse Grania, embora na verdade não entendesse direito.

— Você trabalha? — quis saber Aurora.

— Sim, trabalho. Sou escultora.

— Não é alguém que faz estátuas?

— Você está na direção certa, sim — respondeu Grania.

— Ah, você sabe fazer papel machê? — A face de Aurora se iluminou. — Eu amo papel machê! Tive uma babá que me ensinou como fazer bolas, que a gente pintava e depois eu dava de presente ao papai. Você vai lá em casa fazer papel machê comigo? Por favor!

Grania ficou encantada com o entusiasmo e a empolgação genuína da menina.

— Tudo bem — viu-se responder concordando. — Não vejo por que não.

— Pode ir agora? — Aurora segurou-a pela mão. — Podemos subir até lá em casa e fazer alguma coisa para o papai, antes que ele saia. — Ela estendeu a mão e puxou o blusão de Grania. — Por favor, sim!

— Não, Aurora, não posso ir agora. — Grania abanou a cabeça e acrescentou: — Preciso preparar o material para o trabalho. Além disso, a minha mãe poderia pensar que me perdi.

Grania observou o semblante animado de Aurora se desfazer, a luz desaparecer dos seus olhos e o corpinho se curvar.

— Eu não tenho mãe. Eu tinha, mas ela morreu.

— Lamento muito, Aurora. — Instintivamente, Grania estendeu a mão e colocou-a carinhosamente no ombro da menina. — Você deve sentir muito a falta dela.

— Sinto, sim. Ela era a mais especial e a mais maravilhosa do mundo. Papai sempre diz que ela era um anjo e que é por isso que os outros anjos vieram buscá-la; ela voltou para o céu onde era o seu lugar.

Grania impressionou-se com a dor evidente da menina.

— Tenho certeza de que seu pai tem razão — ela concordou. — E pelo menos você tem a ele.

— “Aham” — admitiu Aurora — e ele é o melhor pai do mundo, e o mais bonito. Quando você o conhecer, vai ficar apaixonada por ele. Todas as moças ficam.

— Bem, nesse caso preciso conhecê-lo, não é mesmo? — Grania sorriu.

— É. — Aurora levantou-se da grama de um salto. — Agora já vou indo. Você vem aqui de novo, na mesma hora, amanhã.

Não era um pedido, era uma ordem.

— Eu...

— Legal. — Espontaneamente, Aurora atirou-se nos braços de Grania e abraçou-a. — Você traz as coisas para o papel machê, depois podemos subir até em casa e ficar fazendo bolas para o papai. Tchau, Grania, a gente se vê de novo amanhã.

— Até logo. — Grania acenou e observou enquanto Aurora caminhava com a agilidade de uma gazela sobre as pedras do penhasco. Mesmo com o impermeável e os tênis, seus movimentos eram graciosos.

Depois de Aurora ter desaparecido da vista, Grania deu um longo suspiro, sentindo-se como se tivesse passado por um encantamento, mantida cativa por um ser mágico e etéreo. Levantando-se, abanou a cabeça para clarear os pensamentos e imaginou o que a mãe diria quando anunciasse que, no dia seguinte, iria à Casa de Dunworley para brincar com Aurora Lisle.